**PROJETOS CIENTÍFICOS SOBRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO 2**

Ataliba T. de Castilho

Professor Emérito da FFLCH / USP

Professor Colaborador do IEL / Unicamp

Pesquisador do CNPq

Assessor linguístico do Museu da Língua Portuguesa

1. **PROJETO DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB)**

Os atlas linguísticos recolhem as variedades regionais de uma dada língua. Denomina-se Dialetologia a ciência que estuda esse fenômeno.

Três fases assinalaram o desenvolvimento da Dialetologia brasileira.

A primeira fase vai de 1826 a 1920, caracterizando-se “pela produção de trabalhos voltados, basicamente, para o estudo do léxico e de suas especificidades no Português Brasileiro, de que resultaram numerosos dicionários, vocabulários e léxicos regionais”, segundo informam Carlota Ferreira e Suzana Cardoso, no livro *Diversidade do português do Brasil – estudos de dialectologia rural e outros.* Salvador: Proed, 1986.

Os seguintes autores publicaram esses vocabulários regionais:

* 1883 a 1884 – visconde de Beaurepaire-Rohan, *Glossário de vocábulos brasileiros*, *tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada na Gazeta Literária*; transformado em 1889 no *Dicionário de vocábulos brasileiros*.
* 1884 – Macedo Soares, *A linguagem popular amazônica*, contendo um glossário de cerca de 120 palavras de origem tupi em uso na Amazônia.
* 1901 – Theodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional.*
* 1905 – Vicente Chermont de Miranda*, Glossário paraense.*
* 1912 – P. Carlos Teschauer, *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros.*
* 1912 – Rodolfo Garcia, *Dicionário de brasileirismos*.

A segunda fase vai de 1920 a 1952. O período foi inaugurado pelo paulista Amadeu Amaral, ao escrever *O dialeto caipira*. Ele observou os usos do português em Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, descrevendo detalhadamente a pronúncia, questões de gramática e

de vocabulário da região. Amaral tratou do [r] caipira, também conhecido como [r] retroflexo, e supôs que em pouco tempo o falar caipira desapareceria. O assunto foi retomado em Ada Natal Rodrigues, em seu livro *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974, e por e Ângela C. S. Rodrigues, em sua tese de doutoramento *A concordância verbal no português popular em São Paulo,* São Paulo: Universidade de São Paulo,1987. Ambas as pesquisadores comprovaram a vitalidade do dialeto caipira.

Depois de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes publicou em 1922 *O linguajar carioca,* livro que chamou a atenção para a importância da Dialetologia como um programa de pesquisas. Viajando intensamente pelo país, ele organizou o primeiro mapa dialetológico brasileiro, o qual tem sido tomado como referência pelos pesquisadores atuais. Nascentes dizia que, se observarmos a execução dos fonemas /e/ e /o/ em posição pretônica, reconheceremos duas grandes áreas dialetológicas no Brasil: a do Norte, em que essas vogais soam abertas, como \*ε+ e [Ɔ], e a do Sul, em que elas soam fechadas, como [e] e [o]. O falar do Norte compreende dois subfalares, o amazônico e o nordestino. O falar do Sul compreende quatro subfalares: o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista.

A terceira fase vem de 1952 até a atualidade, caracterizando-se “pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcado(a) pelo início das preocupações com o desenvolvimento dos estudos de Geografia Linguística no Brasil”, segundo as autoras citadas anteriormente.

A metodologia da Geografia Linguística passou a ser utilizada nessa fase. Esse método implica em percorrer determinado território, selecionar habitantes nascidos no lugar e filhos de pais igualmente oriundos do lugar, formulando-lhes em seguida um conjunto de perguntas relativas a atividades que eles exerçam, gravando eletronicamente suas respostas. As diferentes respostas obtidas são transcritas em vários mapas da região estudada. As respostas que documentam propriedades fonológicas, morfológicas ou sintáticas semelhantes apontam para uma área dialetal. O conjunto desses mapas forma o atlas linguístico.

Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto tiveram uma importância particular no lançamento desta fase. Nascentes publicou em 1958 e em 1961 os dois volumes das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, em que apresenta informações sobre quatro pontos fundamentais na realização da pesquisa dialetal: a anotação de dados sobre o informante, as notas sobre a localidade, o questionário (organizado por área semântica) e a escolha das localidades.

Serafim da Silva Neto empreendeu a formação de uma “mentalidade dialetológica” entre nós, como se vê em seu livro *Guia para estudos dialetológicos,* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1957.

Mas foi Nelson Rossi, linguista carioca filiado à Universidade Federal da Bahia, que saiu a campo com uma equipe que ele preparara, publicando os primeiros atlas linguísticos regionais do Brasil. A opção pelos atlas regionais explica-se pela enormidade do território brasileiro, entre outras dificuldades. Foi assim publicado o pioneiro *Atlas prévio dos falares bahianos*, preparado por ele, por Carlota Ferreira e por Dinah Isensee, em 1963, seguido pelo *Atlas de Sergipe*, preparado por Carlota Ferreira e outros, em 1987.

Além dos atlas regionais, vários estudos monográficos focalizaram regiões de um mesmo estado. Mary Careno estudou em 1997 o PORTUGUÊS BRASILEIRO do Vale do Ribeira. Relativamente ao [r] caipira, outros estudos mostraram que esse som ocorre também no Mato Grosso, em Goiás no sul de Minas, para onde foi levado pelos bandeirantes, a partir do final do século XVI.

Esse conjunto expressivo de atividades abriu caminho ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB), de âmbito nacional, coordenado nacionalmente por Suzana Alice Marcelino Cardoso, da Universidade Federal da Bahia. O projeto teve início no final da década de 1990, com a reunião de vários especialistas em Salvador, de que resultou a criação de um Comitê Nacional, que deu início aos trabalhos de campo.

Os pesquisadores receberam treinamento especial, dando-se início ao árduo labor de realizar as entrevistas dialetológicas.

Atualmente, o ALiB terminou o levantamento dos dados, tendo realizado investigações dialetológicas em 250 localidades brasileiras, um trabalho realizado por várias equipes, de que vêm resultando muitos estudos sobre as variedades geográficas do português falado no Brasil.

Obtenha mais informações em [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br/)

1. **FALARES FRONTEIRIÇOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

A dimensão continental do Brasil e sua crescente importância no cenário internacional tem dado origem a alguns falares fronteiriços.

Entende-se por isso a penetração do Português Brasileiro em países com os quais ele mantém fronteiras.

Os primeiros estudos consideraram a fronteira com o Uruguai, visto que esse país integrou o Império Brasileiro.

Jose Pedro Rona inaugurou esses estudos, com seu livro de 1965, *El Dialecto fronterizo del norte del Uruguay.* Montevidéo: Linardi y Risso Editores.

Desde que Rona examinou as características do PB falado na fronteira com o Uruguai, nunca mais o tema saiu da agenda. Seguiram-se os estudos de Frederick Hensey, que publicou vários estudos sobre o assunto: *Linguistic consequences of natural contact in a border community.* Austin: University of Texas at Austin, Tese de doutoramento, 1967, *The sociolinguistics of the Uruguayan-Brazilian border,* The Hague, Mouton, 1972, The sociolinguistics of the Brazilian- Uruguayan border, publicado na revista *Language* 51: 476-478, em 1975 e Spanish, Portuguese and fronteiriço: languages contact in North Uruguay, publicado na revista *International Journal of the Sociology of Language* 34: 7-23, em 1982.

Novas pesquisas foram conduzidas pelo linguista uruguaio Adolfo Elizaincín, que publicou trabalhos muito importantes nessa área: em 1979, *Precisiones sobre los dialectos portugueses del Uruguay.* Montevideo: Universidad de la República; também em 1979, o ensaio “Estado actual de los estudios del fronterizo uruguayo-brasileño”, que saiu nos *Cuadernos del Sur* 12: 119-140; juntamente com seus colegas Luis Behares e Gabriela Barrios, ele publicou em 1987 o livro *Nos Falemo Brasilero*. *Dialectos Portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur. Essa era a resposta que lhe davam as pessoas entrevistadas na terça parte do território uruguaio que faz fronteira com o Rio Grande do Sul: *nós falemo brasilero.* Finalmente, consulta-se com muito proveito seu livro *Dialectos en contacto. Español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca, publicado em 1992.

Ana Maria Carvalho estudou igualmente a penetração do português brasileiro popular no Uruguai: vejam-se seus trabalhos Variation and diffusion of Uruguayan Portuguese in a bilingual border town, publicado em C.Cabeza, X.P. Rodrígues Yáñez, A. Lorenzo Suárez (Eds.

2003). *Comunidades e indivíduos bilíngües. Actas do I Simposio Internacional sobre o bilingüismo.* Vigo: Universidade de Vigo, pp. 642-651; The sociolinguistic distribution of (lh) in Uruguayan Portuguese: a case of dialectal diffusion, em S. Montrul, A. L. Suárez (Eds. 2003). *Linguistic theory and language development in Hispanic Languages. Papers from the 5th Hispanic Linguistics Symposium and the 4th Conference on the acquisition of Spanish and Portuguese.* Somerville: Cascadilla Press, pp. 30-43; Rumo a uma definição do português uruguaio, *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana* 2: 135-159, 2003; ‘I speak like the guys on TV’: palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese, trabalho que saiu na revista *Language Variation and Change* 16 (2): 127-141, 2004.

A lusitanização de parte do Uruguai prende-se ao fato de que o lugar integrava o Império Brasileiro, como sua Província Cisplatina. A incorporação do território ao Império Espanhol se fez acompanhar da implantação do espanhol no novo país. Os habitantes do norte do Uruguai, entretanto, seguiram falando português nas situações informais, valendo-se do espanhol nas situações formais, situação conhecida como de diglossia.

Novos estudos sobre contatos linguísticos na fronteira surgiram quando se deu a expansão agrícola em direção ao Paraguai, criando-se a figura dos “brasiguaios”, cuja linguagem foi estudada por Wolf Dietrich, “Os brasiguaios no Brasil: aspectos fonéticos e gramaticais”, publicado no livro Wolf Dietrich e Volker Noll (Orgs. 2004) *O Português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual.* Frankfurt am Main / Madrid: Vervuert / Iberoamericana, pp. 147-154.

Igualmente sobre esse assunto, ver os trabalhos de Haralambos Symeonidis - Os brasiguaios no Brasil: o uso das preposições com o verbo *ir,* publicado no mesmo livro de W. Dietrich, V. Noll citado acima, pp. 155-168 e Harald Thun, O comportamento linguístico dos brasiguaios no Paraguai vistos a partir do material do *Atlas Guarani-Románic,* aí mesmo, pp. 169-191.

Novos estudos se anunciam, relativos agora à fronteira norte do Brasil.

1. **CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA: PROCESSOS E PRODUTOS**

São muitos os estudos sobre a caracterização da língua escrita. Resumimos aqui os principais achados das pesquisas sobre o assunto.

Há pelo menos dois processos constitutivos da língua escrita: (1) ela é um diálogo que ocorre na ausência do interlocutor, (2) o planejamento e a execução ocorrem em momentos distintos.

Quanto ao processo (1), é claro que escrevemos para que alguém nos leia. Mas a ausência física do leitor nos obriga a desenvolver várias estratégias. As expressões têm que ser mais explícitas, não há uma ancoragem na situação de fala, e com isso a língua escrita se torna dependente do próprio texto – e não tanto do contexto, como no caso da língua falada – o que se reflete em sua unidade, o parágrafo.

Para compensar a ausência do leitor, usamos o artifício de fazê-lo pular para dentro do texto em elaboração. Com ele conversamos, explícita ou implicitamente. No departamento das implicitudes, a pesquisa tem demonstrado que o falante-escritor se entrega a toda sorte de suposições sobre o interlocutor-leitor, tentando corresponder às expectativas projetadas sobre este. De algum modo, o leitor vai se tornando o sujeito da escrita, tornando-a constitutivamente biautoral. Nesse ponto, a língua falada e a língua escrita se encontram.

Quando ao processo (2), quem escreve tem tempo para preparar um sumário de seu texto, produzir uma primeira redação, voltar atrás para corrigir, e assim por diante. O planejamento e a execução não coincidem no tempo. Em consequência, o texto escrito é mais elaborado, porém dissimula o processamento linguístico, mais patente no texto falado. Dadas essas peculiaridades, o estudo gramatical das línguas com base exclusivamente em textos escritos produz um tipo de conhecimento linguístico forçosamente limitado.

Que produtos resultam dos processos da escrita sumariamente examinados anteriormente? Pelo menos os seguintes: (1) o parágrafo, (2) uma sintaxe especializada, (3) diversidades de escrita e gêneros discursivos. Vamos detalhar um pouco isso.

1. O parágrafo

O parágrafo é a unidade da língua escrita. No parágrafo não se pode omitir o tópico, e as ligações com o que precede e o que se segue devem ser cuidadosamente anotadas, com utilização de marcadores orientados para o leitor, tais como *primeiramente, em segundo lugar*, *em consequência*, *voltando ao ponto*, *isso nos leva à questão seguinte* etc*.*

A necessidade de indicar as seções do texto levou os escribas a separar seus parágrafos por meio do símbolo §. Olhe bem esse símbolo: são dois *ss* remontados, para abreviar a expressão latina *signum sectionis*: “símbolo do corte \*do texto+”.

1. Uma sintaxe especializada

A tradição gramatical do Ocidente repousa sobre a língua escrita. Muito do que sabemos sobre a gramática das línguas naturais é, na verdade, uma descrição da língua escrita.

Os seguintes tópicos têm sido considerados na sintaxe da língua escrita>

* 1. Preferência por estruturas sintáticas mais elaboradas, tais como as nominalizações e a subordinação. O corolário disso é que a língua escrita foge aos anacolutos, ou seja, à omissão de dados mais accessíveis na língua falada.
	2. As construções de sujeito-predicado predominam sobre as de tópico-comentário, mesmo considerando-se o fato de que ambas podem ocorrer ao mesmo tempo na língua portuguesa. Ou seja, lugar de sentenças da língua falada como *Esse relógio aí, que horas são agora?* São escritas pelo mesmo indivíduo de outro modo, algo como *Me diga que horas são, já que você tem um relógio.*
	3. As sentenças declarativas predominam sobre as interrogativas e imperativas.
	4. Uso mais abundante da voz passiva.
	5. Maior frequência de indicações fóricas, ou seja, aquelas que retomam o que se vinha escrevendo, por meio de expressões como *voltando ao que se disse anteriormente*, *esse ponto nos leva à questão seguinte* etc.
1. Diversidades de escrita e gêneros discursivos

A língua escrita está igualmente sujeita ao fenômeno da diversidade. Duas grandes variedades devem ser consideradas: a língua escrita corrente e a língua escrita literária. Diversos gêneros discursivos se relacionam com essas duas variedades.

* 1. Língua escrita corrente

A língua escrita corrente tem fins utilitários, de que decorrem seus gêneros:

* + - Manutenção de contatos familiares e de negócios: cartas familiares, correspondência oficial, correspondência comercial etc.
		- Difusão de notícias e informações: linguagem jornalística.
		- Garantia de direitos privados: escritura, testamento, carta de doação etc.
		- Ordenamento do direito público: constituição, foral, leis, decretos etc.
		- Documentos da administração pública (requerimentos, ofícios etc.) e da administração privada (relatórios, mapas etc.) Para um detalhamento maior, ver Barbosa (2007b).

Já a língua escrita corrente é mais conservadora, justamente porque sobre ela assentam os direitos do cidadão e os interesses do Estado. Esse é o caso da linguagem dos jornais e dos meios de comunicação do governo.

* 1. Língua escrita literária

A língua escrita literária tem uma finalidade artística, sendo sustentada por projetos estéticos. Ela tende a ser mais inovadora, pois os escritores buscam continuadamente interpretar seu tempo, expressando-se de modo individualizado. A língua literária não é o lugar da mesmice, e por isso mesmo é equivocado buscar nela a legitimação das estruturas gramaticais. O trabalho dos escritores é levar essas potencialidades aos limites extremos, fugindo da língua escrita corrente.

Não admira que as primeiras afirmações de independência linguística tenham partido dos autores da língua escrita literária, como se viu pela atenção que escritores românticos, como José de Alencar, e modernistas, como Mário de Andrade, deram às peculiaridades do português brasileiro. No permeio, ocorreu um movimento de reação, o dos parnasianos e simbolistas, que tentaram sem êxito repor o estilo literário lusitanizante.

Edith Pimentel Pinto, em seu livro *Língua escrita no Brasil.* São Paulo, Ática, identificou os seguintes eixos na língua literária brasileira:

* + - Da restrição à infiltração da oralidade.
		- Da discriminação à aceitação dos regionalismos.
		- Do estilo formal para o estilo coloquial, urbano, cotidiano.
		- Da gramática do português europeu para a gramática do português brasileiro.
1. O *continuum* língua falada-língua escrita

Esta caracterização da língua escrita tem a deficiência de situar a língua escrita e a língua falada em polos distintos. Ora, o exame da documentação oral ou escrita do PB não

fundamenta essa polarização. As duas variedades se dispõem num *continuum*, indo da oralidade para a escrituralidade, percorrendo diferentes graus de formalidade.

A linha a seguir tenta captar esse *continuum*:

LÍNGUA FALADA LÍNGUA ESCRITA

←--------------------------------------------------------------------------------------→

Conversa – Diálogo de peça teatral – Conferência, discurso – Notícia de jornal – Ensaio

Manuel Gonçalves Corrêa, em seu livro *O Modo heterogêneo de constituição da escrita.*São Paulo, Martins Fontes, publicado em 2004, comprovou o encontro entre o escrito e o falado nas produções escritas de vestibulandos, a partir de sua hipótese sobre a heterogeneidade natural da língua escrita. Ele diz o seguinte: “*Dito dessa forma, porém, pode-se ter uma falsa ideia sobre esses encontros. As mediações sócio-históricas que os regulam são as mesmas pelas quais simultaneamente se constituem o sujeito (e sua relação específica com a linguagem) e seu discurso. Observar o encontro entre o falado e o escrito, portanto, não é tomar essas práticas como dados autonomamente observáveis, mas apreendê-las pelas marcas que o sujeito assim constituído imprime em seu texto. Entre essas marcas, ele enumera: (1) a representação imaginária do vestibulando com respeito à sua escrita; (2) sua relação com o já falado/ouvido e já escrito/lido (seu modo de leitura); (3) movimento na direção de certos dados de ineditismo emergentes de sua individuação histórica (a partir de sua relação com o que imagina ser a gênese da escrita – supostamente a capacidade da escrita de representação integral do falado); (4) movimento na direção da reprodutibilidade de uma prática (sua relação com o que imagina ser o código escrito institucionalizado)”.*

A partir desses eixos, algumas propriedades definidoras desse tipo de produção da escrita puderam ser propostas: (1) a propriedade da fragmentação, nos momentos de representação da gênese da escrita, e (2) a propriedade da integração/distanciamento, nos momentos de representação do código escrito institucionalizado. Escolhas lexicais mais formais, inclusão de traços prosódicos sem a pontuação adequada entre outros traços mostram que os vestibulandos têm uma percepção da escrita calcada em avaliações estereotipadas, que tomam como parâmetro um modelo abstrato de boa escrita.

1. **MUDANÇA GRAMATICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Apresentamos aqui as pesquisas sobre a mudança gramatical do Português Brasileiro, que vêm sendo desenvolvidas pelo Projeto para a História do Português Brasileiro, já mencionado nesta página.

O Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) surgiu na Universidade de São Paulo (USP), em 1995, inicialmente como Projeto de História do Português Paulista (PHPP), objetivando identificar o percurso histórico do português paulista, que representa o primeiro momento de implantação do português no Brasil (São Vicente, 1532).

Várias motivações impulsionaram o PHPP:

* 1. retomar a tradição das pesquisas em Linguística Histórica da USP,
	2. buscar as raízes diacrônicas dos fenômenos descritos pelo Projeto NURC (desde 1970) e pelo Projeto de Gramática do Português Falado no Brasil (desde 1988),
	3. repercutir as atividades do Programa de História do Português (PROHPOR), lançado nos anos 80 na Universidade Federal da Bahia por Rosa Virgínia Mattos e Silva, e do “casamento” entre a gramática gerativa e o variacionismo laboviano, patrocinado por Mary Kato e Fernando Tarallo na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), igualmente nos anos 80.

Por ocasião do I Seminário do PHPP (São Paulo, 1997), o projeto tornou-se nacional, rebatizado para *Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)*.

O PHPB conta hoje com mais de 200 pesquisadores, distribuídos por treze equipes regionais, aqui enumeradas, indicando-se entre parênteses o coordenador regional:

**Alagoas:** Denilda Moura (UFAL)

**Bahia:** Tânia Lobo, em substituição a Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBa)

**Ceará:** Aurea Suely Zavam (UFCE)

**Mato Grosso:** Elias Alves de Andrade (UFMT)

**Minas Gerais:** Jânia Ramos (UFMG)

**Paraíba:** Roseane Nicolau, em substituição a Camilo Rosa (UFPb)

**Pará Oeste:** Ediene Pena Ferreira (UFOPA)

**Paraná:** Vanderci Aguilera (UEL)

**Pernambuco:** Valéria Gomes (UFRPe), em substituição a Marlos de Barros Pessoa (UFPe)

**Rio de Janeiro:** Dinah M. I. Callou (UFRJ)

**Rio Grande do Norte:** Marco Antônio Martins (UFRN)

**Santa Catarina:** Izete L. Coelho, em substituição a Gilvan Muller de Oliveira (UFSC)

**São Paulo:** Clélia C. S. Jubran (Unesp/SJRP) e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP), em substituição a Ataliba T. de Castilho (USP)

A agenda do PHPB é a seguinte:

1. organização do corpus diacrônico,
2. história social,
3. mudança gramatical,
4. tradições discursivas: constituição e mudança dos gêneros discursivos; diacronia dos processos constitutivos do texto,
5. história do léxico.

Os pesquisadores se dividiram por grupos de trabalho correspondentes a essa agenda. Os resultados da investigação são apresentados em seminários nacionais. Até aqui, foram realizados 8 seminários, cujos resultados foram publicados em série própria:

I Seminário, São Paulo, 1997

II Seminário, São José dos Campos SP, 1997 III Seminário, Campinas SP, 1999

IV Seminário, Teresópolis RJ, 2001 V Seminário, Ouro Preto MG, 2002

VI Seminário, Ilha de Itaparica BA, 2004 VII Seminário, Londrina PR, 2007

VIII Seminário, João Pessoa Pb, 2010 IX Seminário, Maceió AL, 2013

A gramática de uma língua é o estudo de suas estruturas, ou seja, de seus arranjos formais sistemáticos, recorrentes. Quando aprendemos uma língua, aprendemos as regras de estruturação dessa língua.

Para bem apreender a estrutura das línguas, tem-se ido das estruturas mínimas, que é a sílaba, para as estruturas maiores, que são as sentenças, passando pela estruturação das palavras. Três disciplinas cuidam disso: a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe.

Essas estruturas não são estáveis, e mudam com o tempo. No caso deste projeto, está estudando como as estruturas fonológicas e sintáticas têm mudado no Brasil, a partir do século XVI até os dias de hoje.

Para estudar essas mudanças, os pesquisadores do projeto de História do Português Brasileiro estão escrevendo um livro, a ser publicado em 2016, assim organizado:

# VOL. III – MUDANÇA GRAMATICAL

**Tomo 1 – Mudança fonológica**

**Editores: Dermeval da Hora (UFPb), Elisa Batisti (URGS), Valéria Monaretto (URGS)**

Apresentação **-** Dermeval da Hora (Universidade Federal da Paraíba), Elisa Battisti (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Valéria Monaretto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Cap. 1 - Dermeval da Hora (UFPb, CAPES) - *Mudança Fônica*

Cap. 2. Stella Telles (UFPE), Dermeval da Hora (UFPB) - *A metátese no Português Brasileiro: descrição e análise*

Cap. 3 - Elisa Battisti (URGS) - *A prosodização de clíticos no Português Brasileiro em documentos dos séculos XVIII e XIX*

Cap. 4. Rubens M. Lucena (UFPb) - *Processos de apagamento da coda silábica no português brasileiro dos séculos XVIII e XIX*

Cap. 5 - Valéria Neto de Oliveira Monaretto (UFRS) - *Sequências de obstruintes no interior de palavras: percurso histórico*

Cap. 6 - José Sueli de Magalhães (UFU) - *O subsistema vocálico pretônico do Português Brasileiro: fotografia histórica*

Cap. 7 - Gladis Massini-Cagliari (Unesp / Araraquara, CNPq) - *Acento em Português Brasileiro: percurso diacrônico*

# Vol. III - Tomo 2 – Mudança sintática sob a perspectiva funcionalista Editores: Ataliba T. de Castilho (USP) e Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ)

Apresentação – Ataliba T. de Castilho e Célia Regina dos Santos Lopes – *Mudança sintática funcionalista*

Cap. 1. Célia Regina dos Santos Lopes (UFRJ), Márcia Rumeu (UFRJ), Leonardo Marcotúlio (UFRJ) - *Pronomes e determinantes: a reestruturação do paradigma pronominal no português brasileiro pelo viés da gramaticalização*

Cap. 2. Roberto Gomes Camacho (Unesp/SJRP) - *O substantivo*

Cap. 3. Rodolfo Ilari (Unicamp) e Renato Basso (UFSC) - *O verbo*

Cap. 4. José Romerito Silva (UFRN), Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Mariângela Rios de Oliveira (UFF), Nilza Barroso Dias (UFF), Vânia Cristina Casseb-Galvão(UFGo) - *O adjetivo*

Cap. 5. Sônia Borba (UFBa) e Camilo Rosa (UFPb) - *Os advérbios*

Cap. 6. Verena Kewitz (USP), Maria Lúcia Leitão (UFRJ) - *As preposições*

Cap. 7. Erotilde Pezatti (Unesp/SJRP), Sanderléia R. Longhin-Thomazi (Unesp/SJRP) - *A coordenação*

Cap. 8. Sebastião Carlos Gonçalves (Unesp / SRJP), Marize Dall’Aglio Hattnher (Unesp / SRJP), Gisele Cássia de Sousa (Unesp / SRJP) - *A subordinação substantiva*

Cap. 9. Maria Angélica Furtado da Cunha, Edvaldo Bispo (UFRN) – *A subordinação adjetiva*

Cap. 10. Maria Luiza Braga e José da Silva Simões – *A subordinação hipotática*

Cap. 11. Marcelo Módolo (USP), Ivo da Costa do Rosário (UFF) - *A correlação*

Cap. 12. Célia M. M. de Castilho (pós-doutoranda USP/Fapesp), Ataliba T. de Castilho (USP, Unicamp, CNPq), Edilaine Buin Barbosa (UFMT) - *A concordância*

# Vol. III - Tomo 3 – Mudança sintática sob a perspectiva gerativista Editoras: Sônia Cyrino (Unicamp) e Ilza Ribeiro (UEFS)

Apresentação – Sonia Cyrino e Ilza Ribeiro – *Concepção formal de mudança sintática*

Cap. 1. M. Eugenia Duarte e Silvia Cavalcante (UFRJ) - *Sistema pronominal (descrição dos séculos XIX e XX)*

Cap. 2. M. Eugenia L. Duarte (UFRJ) - *Representação do sujeito*

Cap. 3. Juanito Avelar (Unicamp) - *Construções possessivas e existenciais*

Cap. 4. Marco Antonio Martins (UFRN) - *A sintaxe dos clíticos*

Cap. 5. Sonia Cyrino (Unicamp) - *O objeto nulo*

Cap. 6. Maria Aparecida C. Torres de Morais (USP), Rosane Berlinck (Unesp/Araraquara) -

*Dativos e PPs*

Cap. 7. Izete Coelho (UFSC), Rosane Berlinck (Unesp/Araraquara) - *A ordem das declarativas*

Cap. 8. Silvia Cavalcante (UFRJ) - *Construções com SE*

Cap. 9. Mary Kato (Unicamp), Ilza Ribeiro (UEBa) - *Estruturas de focalização*

# Vol. III - Tomo 4 – Sintaxe Comparativa entre o português brasileiro e línguas crioulas de base lexical portuguesa

**Editora: Maria Denilda Moura**

Apresentação

Cap. 1. Denilda Moura – *Revisitando “A Língua do Nordeste” de Mário Marroquim.*

Cap. 2. Charlotte Galves – *A posição do sujeito no português brasileiro e nas línguas Bantu*

Cap. 3. Juanito Avelar – *Concordância com termos não argumentais no português brasileiro*

Cap. 4. Marcelo de Amorim Sibaldo – *O tempo das Small Clauses livres: comparando o PB a línguas crioulas de base lexical portuguesa.*

Cap. 5. Adeilson Pinheiro Sedrins – *Estratégias de definitude em sintagmas nominais do português e em línguas crioulas de base lexical portuguesa.*

Cap. 6. Cláudia Roberta Tavares Silva – *Sobre a ordem das palavras e o comportamento do sujeito: um estudo comparativo entre o português e o crioulo de base lexical portuguesa.*

Cap. 7. Danniel da Silva Carvalho e Dorothy Bezerra de Brito – *Pronomes pessoais e referência: um estudo comparativo entre o PB coloquial, o PB rural da comunidade de Helvécia (BA) e o crioulo caboverdiano.*

Cap. 8. Marlyse Baptista e Jacqueline Guéron – *Sobre tempo e aspecto em Português: comparando o PB ao PE.*

Cap. 9. Inês Duarte – *Orações relativas finitas: análise comparativa entre PE e Crioulos Caboverdianos.*

Cap. 10. Aldir Santos de Paula – *Processos fonológicos na fala da Comunidade Quilombola de Muquém (AL).*

Cap. 11. Telma Magalhães – *Algumas considerações sobre a concordância de número nos dados da Comunidade Quilombola do Povoado Muquém.*

Cap. 12. M. Tjerk – *Extração do sintagma preposicional em construções Qu em crioulos relacionados ao Português Atlântico.*

Este volume já está publicado, devendo ser lançado por ocasião do IX Seminário do projeto, a realizar-se em outubro de 2013, em Maceió.

1. **SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

As línguas são fenômenos sociais, criadas, mantidas e alteradas pelas comunidades. Assim, há relações entre a organização da sociedade e a organização da estrutura linguística.

Quando uma comunidade se estabiliza, sua língua diminui muito seu ritmo de mudança. Quando uma comunidade está passando por muitas alterações – como é o caso do Brasil

contemporâneo, com suas migrações internas e intensa urbanização – sua língua acelera seu ritmo de mudança.

O Projeto de História do Português Brasileiro incluiu esse problema em sua pauta de pesquisas, para avaliar como têm sido esses ritmos, desde o século XVI. Foi projetado um volume com dois tomos para dar conta dessa complicada problemática.

Os seguintes temas serão versados:

# VOL. II – HISTÓRIA SOCIAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Tomo 1**

**Editoras: Dinah Callou (UFRJ) e Tânia Lobo (UFBa)**

Apresentação – Rosa Virgínia Mattos e Silva e Dinah Callou PARTE 1. DEMOGRAFIA HISTÓRICA E DISTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS

Cap. 1. Iraci Costa (USP) - Texto geral pela equipe do autor Cap. 2. Do século XVI ao XVIII

* 1. Renato Pinto Venâncio e Jânia Ramos (UFMG) - *Distribuição da população pelas diversas capitanias (Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo)*
	2. Lorenzo Vitral e Wagner Carvalho Argolo Nobre (UFBa) - *As línguas gerais indígenas*
	3. Margarida Petter (USP) - *As línguas africanas*
	4. Dante Lucchdesi e Alan Baxter (UFBa) - *Mobilidade social e geográfica: a dinâmica dos contatos linguísticos no período colonial*
	5. Dinah Callou (UFRJ) e Juanito Avelar (Unicamp) - *Configuração sociolinguística do Brasil Colonial*

PARTE 2. PROCESSOS HISTÓRICOS DE LETRAMENTO E ESCOLARIZAÇÃO

Cap. 4. Texto geral pela equipe de Maria Helena Câmara Bastos (UFSM) Cap. 5. Medição de letramento

* 1. Klebson Oliveira e Tânia Lobo (UFBa) - *Autos das visitas da Inquisição ao Brasil: Bahia (1591-1592), Bahia (1618), Pernambuco (1593-1595), Maranhão (1731), Grão-Pará (1763- 1769)*
	2. Klebson Oliveira e Tânia Lobo (UFBa) - *Autos da Conspiração dos Alfaiates (Bahia, século XVIII)*
	3. Proposta para todas as equipes - *Livros dos cartórios de registro civil (1888-1950)*
	4. Tânia Lobo (UFBa), Zenaide Carneiro, Norma Almeida (UEFS) e Klebson Oliveira (UFBa) - *Letramento em espaço extraescolar: a casa, as missões, as irmandades negras, os recolhimentos e conventos e as instituições para órfãos*

Cap. 6. O letramento no espaço escolar

* 1. Rosa Virgínia Mattos e Silva, Emília Helena Portella, Zenaide Carneiro, Norma Lúcia Almeida e Noemi Santana - *Bahia*
	2. Dinah Callou *et alii* (UFRJ) - *Rio de Janeiro*
	3. Marilza Oliveira *et alii* (USP) - *São Paulo*

Observação: outras equipes que queiram integrar-se ao trabalho

* 1. Emílio Pagotto (USP) e Dinah Callou (UFRJ) - *O ensino escolarizado e a constituição da norma*
	2. Afrânio Barbosa e Dinah Callou (UFRJ) - *Identificação dos textos-modelo para a escrita*

PARTE 3. POLÍTICAS LINGUÍSTICAS NA HISTÓRIA LINGUÍSTICA DO BRASIL

Gilvan Müller de Oliveira (UFSC) – *título a indicar*

PARTE 4. DA HISTÓRIA SOCIAL À HISTÓRIA LINGUÍSTICA: PADRÕES DE DISTRIBUIÇÃO DE FENÔMENOS LINGUÍSTICOS E A SÓCIO-HISTÓRIA DAS COMUNIDADES

# Tomo 2

**Editoras: Jânia Ramos (UFMG) e Marilza de Oliveira (USP)**

Apresentação: concepção, estrutura, perfil teórico e breve resumo dos capítulos, indicando-se as respectivas interligações.

Cap. 1. Jânia Ramos (UFMG), Renato Venâncio (UFMG) - *História da língua portuguesa (periodização)*

Cap.2. Marlos Pessoa (UFPE) - *Urbanização e intervenção linguística no Brasil (1950-1960)*

Cap 3. Ana Paula Rocha (UFOP), Francisco Eduardo de Andrade (UFOP) - *Áreas dialetais: questões linguísticas e sócio-históricas, um estudo de caso*

Cap 4. Emilio Gozze Pagotto (Unicamp) - *Fonologia em Fonogramas no Brasil*

Cap 5. Iiris Rennicke (Universidade de Helsinque/UFMG) - *A origem do /r/ retroflexo do PB no contexto fonético e sócio-histórico*

Cap 6. Maria Denilda Moura (UFAL) - *Loiça ou louça? Comunidades isoladas e ritmo da mudança linguística: um estudo sobre a comunidade de Muquém (AL)*

Cap.7. Norma da Silva Lopes (UESB) - *Estudo dos sobrenomes em Salvador, Bahia*

Cap 8. Izete Coelho (UFSC) - *Revisitando a distribuição regional de* tu *e* você *em Santa Catarina*

Cap 9. Célia Maria Moraes de Castilho (pós-doutoranda, USP) - *Os judeus na história da escrita em São Paulo*

Cap 10. Marilza de Oliveira (USP) - *O cientificismo na linguagem dos doutores: o bacharel e o médico*

Cap. 11. Maria Clara da Paixão Rosa (USP) - *A morfologia de flexão no Português do Brasil: ensaio sobre um discurso de “perda”*

Cap. 12. Tânia Alkmim (Unicamp) - *A propósito da fala de negros*

Cap.13. Marilza Oliveira (USP), Jânia Ramos (UFMG) - *A linguagem do circo e o circo na linguagem: considerações em torno da expressão ‘respeitável público’*

Cap. 14. Maria Lúcia da C. Victório de O. Andrade (USP) - *Um estudo da expressão ‘muito obrigado(a)’ no português*